



## PROGRAMAÇÃO DOS MINICURSOS 7 e 8 de julho, 2022

- 1) Pedidos de correções das informações devem ser enviados para o e-mail do congresso: [xicbhe@gmail.com](mailto:xicbhe@gmail.com);
- 2) Os procedimentos para as inscrições serão divulgados no mês de abril (2022).

Número	Data	Horários	Título	Coordenador	Coautores
1	07/07	10:00- 12:00 14:00-16:00	Revista do Ensino e Jornal Aurora Fluminense: Um Comparativo e Análise Sobre Diferentes Impressos (1828 - 1930)	Monique Adriele Silva (UFU)	Alzenira Francisca de Azevedo (UFU)

		<p><b>Resumo</b></p> <p>Considerando as pesquisas feitas ao longo do curso de doutorado em educação, temos como proposta de minicurso trabalhar com impressos em diferentes espaços de tempo e lugar. Como intuito demonstrar análise de fontes para pesquisa que específicas ou não para investigação do campo educacional são reveladoras das emergências que mediatizaram sua necessidade. Visando um recorte em aportes de comunicação entendidos como relevantes para o período em que foram vigentes, bem como, vislumbrar por meio de suas propagandas, textos, transcrição de discursos demonstrar as necessidades de mudanças na instrução pública. O estudo ao sinalizar o período regencial nos permite verificar que há inúmeras fontes para a pesquisa no campo da História da Educação. Por se tratar de um período conturbado, há muito ainda para compreendermos sobre as ocorrências que afetavam as questões educacionais. Pretende-se fazer uma análise do pensamento educacional de Evaristo Ferreira da Veiga, divulgado no jornal Aurora Fluminense. Busca-se visualizar e levantar elementos para a compreensão do período regencial (1831-1840) como um momento de manifestação política que influenciou o pensamento educacional do Brasil. Nesse sentido, ao se utilizar dessa fonte jornalística consideramos como instrumento social que representou os interesses individuais e coletivos do período regencial e demandas políticas estruturadas no corpo social, político, econômico e cultural do Brasil. Temos o entendimento de que ao demonstrar o caráter educativo de fontes consideradas informais para a pesquisa em história da educação no Brasil, consideram-se estas como ferramentas sociais que foram na representação de interesses do grupo dirigente daquele período. Iremos trazer como discussão já no século XIX a Revista do Ensino que na época surgiu como um órgão oficial do governo na qual tinha o intuito de discutir sobre as reformas no ensino no estado. Dessa maneira, esse minicurso tem como objetivo apresentar dois impressos de diferentes momentos históricos de onde emergiram necessidades educacionais específicas, a partir de sua divulgação nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Sinalizasse como proposta principal a construção histórica da formação da sociedade no período entre os anos de 1828 a 1930. Os objetivos específicos são como podemos trabalhar com categorias de análises para compreender e analisar impressos como fontes de pesquisas, entender como podemos encontrar diferentes sujeitos que influenciaram esse meio da instrução no país. Como metodologia iremos</p>
--	--	--

			<p>trazer a imprensa periódica, assume papel relevante nas pesquisas em torno da história educacional, tendo ou não essa especificidade, pois pode possibilitar o acesso às análises dos problemas enfrentados em determinado momento da história do país. Também possibilita a análise das formas de relações sociais vigentes, determinada que esta pela interpretação de personagens que viveram no período histórico em que elas ocorreram. Quanto ao conteúdo a ser trabalhado ao longo do curso será de trazer o Jornal Aurora Fluminense em suas questões políticas e o pensamento educacional como meio de trabalhar o homem necessário, por meio da formação de uma opinião pública. Posteriormente, a indagação que apareceu fortemente foi a necessidade da instrução para a sociedade expressas pela Revista do Ensino nos anos de 1925.</p>	
<b>Número</b>	<b>Data</b>	<b>Horários</b>	<b>Título</b>	
			Breve História da Escola Soviética	
			<b>Coordenador</b> Marisa Bittar (UFSCar)	<b>Coautores</b> Amarilio Ferreira Jr. (UFSCar)
2	07/07	10:00- 12:00 14:00-16:00	<b>Resumo</b> <p>Baseado em pesquisa financiada pelo CNPq e realizada nos arquivos do Instituto de Educação da Universidade de Londres/UCL, em 2019, este minicurso oferecerá um panorama sobre a construção e as principais características da escola soviética (1917-1991) com dois objetivos: 1. Contribuir para o conhecimento da política educacional da Revolução Russa de 1917; 2. Apresentar os pontos centrais sobre os quais se edificou e funcionou a escola soviética já que no Brasil o pensamento pedagógico da Revolução é razoavelmente conhecido, mas a escola soviética permanece como terra incógnita. Para preencher essa lacuna, buscamos conhecer a escola por dentro assim como o seu funcionamento como resultado das relações entre ela, o poder soviético, as instituições</p>	

			<p>extraescolares e a família. O curso se beneficiará de fontes que consultamos nas Special Collections/UCL, dentre as quais: diários de viagens de educadores britânicos à União Soviética desde a década de 1920; fotografias de aulas, estudantes, escolas, atividades físicas e artísticas desenvolvidas pela escola e pelas instituições extraescolares; artigos da Revista Soviet Education (1959-1991). Além desse rico acervo em língua inglesa, contamos também com a nossa própria experiência de termos vivido e estudado na União Soviética. Para atender aos objetivos da XI CBHE cujo tema será “Cultura e Educação: memória e resistência”, o minicurso refletirá sobre o termo “resistência” relacionando-o ao cenário da Revolução Bolchevique, uma revolução anticapitalista, inspirada no marxismo, observando até que ponto foi possível praticar a resistência anticapitalista na primeira revolução de caráter proletário da história em um país no qual o analfabetismo chegava a quase 90% da população e no qual as forças produtivas se encontravam em baixo estágio de desenvolvimento. O que a Revolução Bolchevique herdou do regime anterior e como foi possível construir uma escola para todas as crianças e jovens em contexto tão adverso e impensado pelos formuladores do marxismo no século XIX? Em termos teóricos, é possível afirmar que inicialmente coabitou uma mediação entre o velho e o novo? Se sim, que elementos foram esses? Após esse tópico, o minicurso tratará da escola real construída pela Revolução Socialista, com suas características fundamentais: obrigatoriedade; gratuidade; laicidade; importância dos professores; instrução para o trabalho (“trabalho útil”, conforme documentos); “socialização política”; escola de cultura; educação intelectual indissociável da educação física. O minicurso apresentará a metodologia de ensino adotada na escola soviética: esforço individual no processo da aprendizagem, diligência, disciplina, preparo para os rígidos exames de avaliação. Mostrará também o papel exercido pelas instituições extraescolares no auxílio à “socialização política” e na aprendizagem a fim de que todos os alunos conseguissem avançar nas etapas seguintes de escolaridade. Essas organizações foram: Pioneiros (organização dos adolescentes) e Komsomol (Organização da Juventude). Finalmente, o minicurso mostrará que a escola soviética chegou defasada à década de 1980, quando a revolução tecnológica no Ocidente estava em ascensão, e focalizará a relação entre a crise do sistema soviético, evidenciada pela Perestroika, isto é, as proposições de Mikhail</p>
--	--	--	--

			Gorbatchev para “humanizar e democratizar o socialismo”, e a escola. Que papel desempenhou a escola soviética na desintegração da União soviética, em 1991?	
<b>Número</b>	<b>Data</b>	<b>Horários</b>	<b>Título</b>	
			O Ensino de História: Teoria e Prática	
3	07/07	10:00- 12:00 14:00-16:00	<b>Coordenador</b> Jocyleia Santana Santos (UFT)	<b>Coautores</b> -----
			<b>Resumo</b> O minicurso tem por objetivo apresentar uma discussão teórica sobre o Ensino de História, e expor metodologias para o referido ensino na Educação Básica. Os conteúdos a serem tratados no minicurso versarão sobre: Percurso Histórico do Ensino de História no Brasil; O Ensino de História; Metodologia de Ensino de História; Indicadores de compreensão dos elementos históricos com base em Schmidt e Cainelli, (2004) e O fazer pedagógico da História Oral como metodologia de ensino. Conhecer os caminhos do Ensino de História pode promover um maior amadurecimento nas alterações acerca dos currículos e seus objetivos. Bittencourt (2009), Sousa e Pires (2010) reforçam que o Ensino de História abre, ainda, ao historiador e/ou professor a probabilidade de perceber que o ensino acadêmico influencia o escolar e vice-versa e que, havendo maior consciência disso e diálogo, os dois campos do conhecimento serão beneficiados com professores mais qualificados e um ensino de qualidade nas escolas. A metodologia utilizada para exposição dos conteúdos será a socialização e discussão em grupo, momentos de debates e oficina, uma vez que os cursos serão realizados de forma on line. O tempo de duração do minicurso será de 4 horas, dividido em dois momentos de duas horas. Para subsidiar as discussões serão utilizadas as reflexões dos seguintes autores: Le Goff (1990), Burke (1992), Prins (1992), Nadaí (1993), Nora (1993), Fonseca (1993, 2003, 2008), Nikitiuk (1996), Meihy (1996, 2006), Portelli (1997, 2000), Veyne (1998), Ferreira, Fernandes e Alberti (2000), Thomson (2000), Joutard (2000), Cabrini (2004), Gusmão (2004), Schmidt e Cainelli (2004), Guimarães (2005), Neto (2005), Cruz (2005), Franco e Venera (2007), Zamboni (2007, 2010),	

			<p>Schmidt (2008, 2012), Bittencourt (2008, 2009, 2011), Prinsky (2010), Sousa e Pires (2010), Fonseca (2011), Beserra (2011), Santana e Medeiros (2013) e Silva (2010, 2013). A proposta do minicurso tem a história como ponto central das discussões e, de acordo com a perspectiva de Vasconcelos (2007), que afirma que a história é a base de todo conhecimento que a humanidade produz. Com a história, conhece-se, respondem-se dúvidas, solucionam-se problemas, buscam-se as raízes de determinadas vivências, descortinam-se possibilidades e podem-se trazer à tona verdades estancadas. Burke (1992, p.11) afirma que “tudo tem uma história”. Além disso, pode-se também entender as causas e os efeitos de situações vivenciadas atualmente, por meio da análise histórica de fatos anteriores. Para Burke (1992), o passado pode ser aceito como uma construção cultural, portanto, sujeito às modificações próprias do tempo e espaço vividos. E, no percurso da história, encontra-se a história oral, em que a transmissão de conhecimento por meio da oralidade é uma prática humana. Ao retratar a riqueza da história oral, Joutard (2000, p.32) proclama uma expressão de Jorge Amado: “não me acho um escritor tão bom assim, mas sou um excelente tradutor da linguagem oral do povo da Bahia”. Ele expressa a beleza das histórias vividas, repassadas e recontadas o que, sem a história oral, não seria possível.</p>	
<b>Número</b>	<b>Data</b>	<b>Horários</b>	<b>Título</b> Arquivos e Fontes para a História da Educação no Período Moderno	
4	07/07	10:00- 12:00 14:00-16:00	<b>Coordenador</b> Thais Nívia de Lima e Fonseca (UFMG)	<b>Coautores</b> Ana Cristina Pereira Lage (UFVJM) Kelly Lislie Julio (UFSJ)
			<b>Resumo</b> Este minicurso é proposto pelo Grupo de Pesquisa Cultura e Educação nos Impérios Ibéricos - CEIbero ( <a href="https://ceibero.wordpress.com/">https://ceibero.wordpress.com/</a> ) e objetiva discutir a noção de arquivo, além de apresentar os possíveis usos de fontes para a História da Educação no período moderno, do século XVII às primeiras décadas do século XIX. No século XVIII, a educação pode ser definida como: “criação,	

			<p>ensino para a direção dos costumes” (BLUTEAU, 1712, p.13). Este mesmo autor define a escola, como “a casa, onde os meninos aprendem a ler, escrever e contar” (BLUTEAU, 1712, p. 216). Neste sentido, as especificidades ensinadas na escola se limitam mais ao instrucional, sendo que a educação teria uma noção mais ampliada conduzindo à formação, podendo acontecer na escola ou em ambientes não escolares (como a família, a Igreja, o exército, a oficina etc.). Pretendemos explorar as possibilidades do uso das fontes para a investigação de diversas instituições e práticas educativas do período, dos sujeitos nelas envolvidos, das redes sociais nas quais estiveram conectadas. Nesta proposta de minicurso partimos de uma discussão conceitual sobre arquivo, aqui compreendido enquanto um conjunto documental gerado por uma instituição pública ou privada no decorrer de suas funções (ARQUIVO NACIONAL, 2005). A partir desta definição pretendemos apresentar alguns arquivos brasileiros e portugueses que possuem acervos documentais que têm sido explorados pelos pesquisadores da História da Educação. Além disso, buscaremos apresentar uma discussão acerca de fontes, que podem ser textos escritos (manuscritos ou impressos), iconográficos e ainda pertencentes à cultura material. É necessário apontar que um documento representa um determinado discurso de um indivíduo ou grupo social de um determinado tempo e espaço. Salientamos que a fonte não é isenta de subjetividade, de intenções e manipulações para apresentar um discurso. Sabemos que todo documento apresenta limites e cabe ao historiador da educação realizar uma avaliação crítica para realizar a análise documental. Por fim, serão apresentadas algumas fontes possíveis para a escrita da história da educação para o período analisado e produzidos por diferentes sujeitos, tais como aquelas de natureza administrativa, como também inventários, testamentos, biografias, autobiografias etc.</p>	
<b>Número</b>	<b>Data</b>	<b>Horários</b>	<b>Título</b> Cultura Material Escolar: Abordagens, Modos de Operar e Produção	
			<b>Coordenador</b> Vera Lucia Gaspar da Silva (UDESC)	<b>Coautores</b> Gizele de Souza (UFPR) César Augusto Castro (UFMA)

5	07/07	10:00- 12:00 14:00-16:00	<p><b>Resumo</b></p> <p>A presente proposta é uma iniciativa dos Grupos de Pesquisa Objetos da Escola (articulado ao Observatório de Práticas Escolas - OPE) com sede na Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil - NEPIE, com sede na Universidade Federal do Paraná – UFPR e do Núcleo de Estudos e Documentação em História da Educação e Práticas Leitoras – NEDHEL com sede na Universidade Federal do Maranhão – UFMA e dos Projetos de Pesquisa: Objetos da Escola: Por uma história material da experiência escolar (1880-1920) – UDESC; História da Infância e Cultura Material Escolar: escolarização, assistência e provimento material – UFPR e Cultura Material Escolar e as Representações de Educação: Análise Comparada entre Brasil, Portugal e Espanha - UFMA. O minicurso será ministrado pelos pel@s professor@s e pesquisador@s Vera Lucia Gaspar da Silva – UDESC, Gizele de Souza – UFPR e César Augusto Castro – UFMA. O objetivo é contribuir para o aprofundamento e debate de estudos bem como, evidenciar temas e perspectivas a partir das quais a cultura material escolar se associa e se firma na história da educação brasileira. A produção historiográfica vinculada ao tema tem apresentado diferentes possibilidades de caminhos metodológicos e de análise que buscaremos, em parte, abordar neste minicurso. Trata-se de modos de construir narrativas históricas sobre a escolarização, apoiados no exame de seus objetos, formas de apropriação, de uso, de fabricação e comercialização, de inserção de tecnologias, de fomento a cultura de inovações, de promessas de modernidade pela entronização, no espaço escolar, de objetos que as representariam. Se por um lado, a identificação de um objeto não atesta seu uso escolar e cultural, por outro, tal presença testemunha projetos, expectativas, formas de ensinar. Da mesma forma as ausências dizem muitos sobre estes projetos. Quanto aos conteúdos a serem trabalhados, serão apresentados alguns parâmetros conceituais, dados indicativos da produção sobre cultura material escolar vinculada a pós-graduação brasileira, estudos sobre a produção publicada em periódicos e livros e aquela apresentada em forma de dissertações e teses, além de se discutir sobre algumas perspectivas teórico-metodológicas para o tratamento de objetos e fontes. O minicurso será ministrado em</p>
---	-------	-----------------------------	---



			<p>formato remoto, com uso de Plataforma disponibilizada pela coordenação do XI Congresso Brasileiro de História da Educação – XI CBHE, e serão oferecidas 50 vagas. A atividade terá duração de quatro horas, divididas em duas sessões (vespertino e noturno) e contará com exposição d@s proponentes bem como, com intervenção de pesquisador@s convidad@s. Recomenda-se, como bibliografia básica, a leitura do livro “Cultura Material Escolar em Perspectiva Histórica: Escritas e Possibilidades” (1. ed. Vitória - Espírito Santo: EDUFES / Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil, 2018. v. 14) que conta com Vera Lucia Gaspar da Silva; Gizele de Souza e César Augusto de Castro como organizadores (no site da Editora está disponível versão em PDF). Recomenda-se também a leitura do Dossiê - Cultura Material em História(s): artefatos escolares e saberes, publicado no periódico Educar em Revista (v. 35, 2019), disponível em <a href="https://revistas.ufpr.br/educar">https://revistas.ufpr.br/educar</a>.</p>	
<b>Número</b>	<b>Data</b>	<b>Horários</b>	<b>Título</b> Historiografia da Educação Brasileira: o Eurocentrismo em Questão	
6	07/07	10:00- 12:00 14:00-16:00	<b>Coordenador</b> Cynthia Greive Veiga (UFMG)	<b>Coautores</b> -----
			<b>Resumo</b> O objetivo do minicurso é apresentar algumas questões teóricas e conceituais de modo a contribuir para um debate crítico sobre o paradigma eurocêntrico na escrita da história da educação brasileira. Pretende-se problematizar a tradição e a permanência do uso de conceitos advindos da experiência europeia na construção da história da educação local, na definição de objetos e sujeitos de pesquisa. O curso é desenvolvido em estudos teóricos, com a apresentação de alguns autores referências no debate. A principal noção a ser discutida é a de eurocentrismo, na perspectiva da ascendência política e cultural de Europa sob outras localidades, da elaboração do mito civilizacional e, portanto, da fixação de valores e conceitos que geraram o entendimento de uma história da educação vista	

		<p>do “ocidente”. Pretende-se indagar também sobre o enraizando de um “ocidentalismo” silencioso na tradição historiográfica da educação em diferentes vertentes (positivismo, marxismo, annales, história social). Outro conceito é o de modernidade na perspectiva eurocêntrica, que naturalizou a ideia da modernidade como uma invenção europeia, sustentada pela marginalização, inferiorização e subalternização de outros povos, culturas e saberes. No âmbito dessa discussão destaca-se a proposição de Quijano (2005) ao indicar a divisão racial do trabalho como característica central da modernidade inaugurada. Ambos os conceitos, eurocentrismo e modernidade eurocêntrica, contribuem para pensar em que medida a sua presença na historiografia da educação brasileira interferiu na estruturação de uma escrita que de modo geral, e durante longo tempo, privilegiou o enfoque na história da escola regular e na população branca. Não está sendo desconsiderado a ampliação recente de estudos relativos a população afrodescendente e outros modos de educação, mas busca-se problematizar as dinâmicas relacionais constituidoras da tradicional e naturalizada desigualdade da oferta escolar no Brasil, que poderíamos denominar de divisão racial da educação, seguindo Quijano (2005). Por sua vez, questiona-se o pouco conhecimento histórico das educações e processos escolarizadores dos povos originários, ainda hoje nomeados como índios. A análise desses conceitos será feita levando-se em consideração três orientações intelectuais: o grupo indiano dos “estudos subalternos”; os estudos anglo-saxônicos da Global History; e o grupo Modernidade/colonialidade ou estudos decoloniais formado por intelectuais latino-americanos.</p> <p>BALESTRIN, Luciana. América latina e o giro decolonial. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 11, Brasília, maio-agosto de 2013.FRANCO, Afonso Arinos de Melo. O índio brasileiro e a revolução francesa: as origens brasileiras da teoria da bondade natural. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000 [1937].LANDER, Edgardo (org.) A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.PACHECO, Perla. Hacia una nueva historia global no eurocêntrica: un balance crítico, Transhumante. Revista Americana de Historia Social 9, p.144-165, 2017.QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e America Latina. In LANDER, Edgardo (org.) A colonilaidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colécion Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina,</p>
--	--	---

			setembro, 2005.SETH, Sanjay. Razão ou Raciocínio? Clio ou Shiva?. Ouro Preto: Revista de História da Historiografia, nº 11, 2013, p.173-189.	
<b>Número</b>	<b>Data</b>	<b>Horários</b>	<b>Título</b> História dos Conceitos: Possibilidades para a Escrita da História da Educação	
7	07/07	10:00- 12:00 14:00-16:00	<b>Coordenador</b> Carlos Eduardo Vieira (UFPR)	<b>Coautores</b> -----
			<b>Resumo</b>  O presente minicurso tem por objetivo expor as possibilidades da história dos conceitos (Begriffsgeschichte), no contexto das pesquisas em História da Educação. A história dos conceitos (HC), contemporaneamente, representa uma das perspectivas teóricas mais influente na história intelectual, com adeptos dessa perspectiva em todos os continentes. A história dos conceitos tem impactado pesquisas em diferentes campos historiográficos, especialmente na história do pensamento político, na história da ciência, da cultura e da filosofia. Nos estudos histórico-educativos é possível identificar um crescimento significativo de interlocução com a HC nas produções da área. Nesse minicurso traçaremos, inicialmente, a história da história dos conceitos, considerando suas origens na cultura historiográfica alemã, na tradição filosófica hermenêutica, especialmente a partir da trajetória do seu principal expoente: Reinhard Koselleck. Retomaremos as motivações da história dos conceitos de crítica à tradição da história das ideias, que concebe as ideias como autônomas, sem uma temporalidade específica e desenraizadas do mundo social. Em seguida exploraremos as premissas metodológicas da HC, demonstrando a aplicabilidade do método de identificação e de interpretação de conceitos fundamentais do ponto de vista social, político e educacional. Os conceitos fundamentais, na expressão de Koselleck, são palavras que contém uma multiplicidade de significados e, portanto, são necessariamente polissêmicas. Estes termos transcendem os seus contextos linguísticos originais de enunciação, tendo a capacidade de se projetarem no tempo e no espaço, ocupando uma posição chave na formação dos sentidos em	

			<p>disputa na esfera pública. Os conceitos podem ser estudados de dois pontos de vista: semasiológico – de uma palavra e seus significados – e onomasiológico – quando o mesmo fenômeno, material ou imaterial, é designado com palavras diferentes. Cada conceito situa-se em um campo semântico, no qual encontram-se conceitos complementares, equivalentes e antitéticos que atuam na interpretação e na mobilização das experiências históricas. Nesse sentido, demonstraremos como a história dos conceitos não se restringe à análise semântica, uma vez que a HC visa traçar aproximações entre conceitos e experiências históricas, linguagem e realidade. Sendo assim, visamos nesse minicurso percorrer as principais categorias aplicadas à análise conceitual, entre as quais destacamos: espaço de experiência, horizonte de expectativas, conceitos correlatos e antitéticos, campo semântico, arquilexemas, entre outros. As análises teóricas realizadas ao longo do curso estarão, permanentemente, sintonizadas com as possibilidades que essa teoria oferece para a História da Educação, de modo que apresentaremos exemplos de pesquisas realizadas no campo educacional que se utilizaram dessa metodologia.</p>	
<b>Número</b>	<b>Data</b>	<b>Horários</b>	<b>Título</b> História dos Intelectuais da Educação: possibilidades de investigação entre Portugal e Brasil	
8	07/07	10:00- 12:00 14:00-16:00	<b>Coordenador</b> Daniel Ferraz Chiozzini (PUC-SP)	<b>Coautores</b> Kadine Teixeira Lucas (U. de Lisboa) Amanda Haydn (PUC-SP)
			<b>Resumo</b> O minicurso traz a proposta de compartilhar diferentes caminhos de pesquisa trilhados na investigação de sujeitos históricos caracterizados como intelectuais da educação. Serão examinados os “estudos de caso” de intelectuais da educação brasileira e portuguesa, contemplando tanto os aportes teóricos que possibilitaram defini-los como intelectuais, como escolhas metodológicas envolvendo temas, fontes, procedimentos de análise e de pesquisa. A partir do compartilhamento dessas investigações, serão debatidas algumas possibilidades de exercício comparativo entre a intelectualidade de Portugal e Brasil, contribuindo para o entendimento mais alargado acerca do	

		<p>exercício da intelectividade e possibilitando caracterizar esses sujeitos enquanto mediadores culturais e articuladores de redes de sociabilidade. Será inicialmente examinado o caso de António Feliciano de Castilho (1800-1875), consagrado poeta romântico português, que alterou seu foco de atuação a partir da década de 1850, tornando-se propagador fervoroso do “Método de Leitura Repentina”, de sua autoria. Na sequência, serão debatidas pesquisas em curso sobre três educadores atuantes a partir de meados do século XX no âmbito do que convencionou-se denominar como “inovação educacional”: Manuel Maria Calvet de Magalhães (1914-1974), em Portugal; e Luis Contier (1915-2013) e Maria Nilde Mascelani (1931-1999), no Brasil. São figuras que ganham projeção no campo da educação por meio da atuação como intelectuais mediadores (Gomes, 2016), organizadores (Magalhães, 2016) e articuladores de redes (Vieira &amp; Chiozzini, 2018). Será também feita uma discussão de caráter instrumental, analisando os procedimentos de pesquisa histórica de abordagem prosopográfica. O termo, emprestado de Le Goff (1996), Sirinelli (2003) e Stone (2011), entre outros, consiste na investigação das características comuns de um grupo de sujeitos históricos por meio de um estudo coletivo. A prosopografia, possibilita encontrar, por meio da análise comparativa dos vários tipos de informações, as correlações internas (micro-história) e as correlações relativas ao contexto histórico. Nesses termos, o minicurso também se atém a discutir, como tarefa prática, o estudo em curso de 127 intelectuais católicos que atuaram nos âmbitos da educação e da cultura, privilegiadamente entre os anos de 1930 a 1934, a partir do cruzamento de biografias vinculadas ao itinerário da presidente da Ação Social Brasileira (ASB), Amélia de Rezende Martins (1877-1948). Bibliografia básica: Gomes, A. &amp; Hansen, P. (Org) (2016). <i>Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política</i>. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Le Goff. J. , Saint Louis. In: FRANCO JÚNIOR, Hilário. <i>Revista de História</i>, São Paulo, n. 134, p. 71-76, 1. sem. 1996. Magalhães, J (2016). Intelectuais e História da Educação em Portugal e no Brasil. <i>Cadernos de História da Educação</i>, (15) 1, pp. 299-32. Vieira, L. &amp; Chiozzini, D. (2018). Luis Contier como catalisador de redes: classes experimentais e renovação do ensino secundário em São Paulo nas décadas de 1950 e 1960. <i>História da Educação</i> (online), (22) 55, pp. 61-80. Sirinelli, J. (2003). Os intelectuais (pp. 231-270). In R. Rémond (Org.). <i>Por uma história política</i>. Rio de Janeiro, Editora FGV. Stone, L. Prosopografia. <i>Revista de Sociologia e Política</i>, Curitiba, v.19, n.39, p. 115-137, jun. 2011.</p>
--	--	---

Número	Data	Horários	Título Fotografia, Infância e Memória: Tecendo os Fios da (Auto)Biografia	
9	08/07	10:00- 12:00 14:00-16:00	<b>Coordenador</b> Maíra Lewtchuk Espindola (UFPB)	<b>Coautores</b> Amanda Sousa Galvíncio (UFPB)
			<b>Resumo</b> <p>A fotografia tem sido um dos recursos imagéticos mais utilizado na contemporaneidade. No decorrer dos últimos séculos tem se popularizado com o advento da tecnologia digital, estando acessível aos diversos seguimentos sociais. Esse artefato cultural, além do seu cunho artístico, que contempla diferentes técnicas e temáticas, é utilizado para outros fins ligados ao cotidiano das pessoas, possibilitando acionar gatilhos de memórias, resgatando momentos soterrados da nossa história de vida. O uso das fotografias em diferentes esferas da vida social também se relaciona a diferentes fins. No âmbito privado é comum encontrarmos acervos como álbuns de família, registros de viagens, reuniões entre amigos etc. Em relação as instituições educacionais são possíveis destacar as fotografias de registros oficiais, festividades escolares e clicks sobre o cotidiano e atividades pedagógicas. A fotografia também pode servir como documento e embasamento empírico de trabalhos científicos. Este minicurso tem como objetivo compreender a fotografia como artefato histórico e cultural, interpretando os processos de rememoração da educação infantil nas narrativas (auto)biográficas vivenciada por pesquisadores e professores. A construção da história das infâncias e das crianças se faz necessária tanto para futuras pesquisas em centros de formações (Universidades), quanto para as Unidades Educacionais de Educação Infantil. Esses registros podem se constituir para pesquisadores da história da educação como fontes, as quais poderão inscrever as práticas escolares, os saberes, as condutas, indicando as estruturas escolares, além de trazer sujeitos pouco estudados pela história como as crianças. Nesse sentido, o processo de interpretação das fotografias permitirá o reconhecimento, a classificação e a futura composição de acervos de documentação e de objetos da cultura escolar. A metodologia adotada será a de colcha de retalhos</p>	

			<p>que consiste em um emaranhado de histórias, cada retalho representa uma pessoa com sua singularidade e suas experiências únicas. A colcha de retalho simboliza a teia social em que todos nós estamos envolvidos. Os retalhos representam a individualidade da história de vida, mas que, quando costurados uns nos outros, passam a existir conjuntamente, dando sentido a memória coletiva. Para tanto, os participantes devem digitalizar uma fotografia da sua infância relacionada a sua memória escolar para compartilhar no momento do minicurso que será dividido em: estudo histórico da fotografia da infância e possibilidades pedagógicas; produção da colcha de retalhos a partir das fotografias dos participantes e socialização da produção. Bibliografia: CAMPANHALI, J. A. M. O Uso da fotografia na prática docente. Pandora Brasil, n. 49, dez, 2012. GOBBI, M. A. Num cliq: meninos e meninas nas fotografias. In: FILHO, A. J. M.; PRADO, P. D. (Orgs). Das pesquisas com crianças à complexidade da infância. Campinas: Autores Associados, 2020. MOLINA, Ana Heloisa. A História contada por imagens: as escolas normais do início do século XX e o uso de fotografias para a historiografia contemporânea. Dimensões, v. 34, 2015. MOTA, K. M. S. As imagens fotográficas e o universo da memória pessoal na pesquisa (auto)biográfica. In: ABRAHÃO, M. H. M. B.; BRAGANÇA, I. F. S.; ARAÚJO, M. S. (Orgs.). Pesquisa (Auto)biográfica, fontes e questões. CRV: Curitiba, 2014. ROSITO, M. M. B. Colcha de retalhos, história de vida e imaginário na formação. Educação, n.3, set/dez, 2009.</p>	
<b>Número</b>	<b>Data</b>	<b>Horários</b>	<b>Título</b> Perspectivas de Pesquisa em História da Educação: Nas Trilhas do Fazer Histórico	
10	08/07	10:00- 12:00 14:00-16:00	<b>Coordenador</b> Itacyara Viana Miranda (UEPB)	<b>Coautores</b> Nayana Rodrigues Cordeiro Mariano (UEPB) Vivia de Melo Silva (UEPB)
			<b>Resumo</b> A história da educação é um campo de pesquisa em expansão, cujas possibilidades dialogam com áreas afins – educação, história, sociologia e filosofia – possibilitando aos estudiosos um leque de objetos e fontes diversas. Nesse sentido, ter uma compreensão do campo de estudos, do corpus	

		<p>documental, bem como da metodologia de trabalho se tornam pontos preponderantes para a formação do pesquisador que se propõe a desvelar a educação em espaços e tempos diversificados. O objetivo do curso é: Identificar e refletir sobre a constituição do campo de pesquisa em história da educação; Discutir a utilização das fontes como suporte de desenvolvimento de uma escrita historiográfica acerca da educação; Apresentar os espaços de produção da história da educação no âmbito da UFPB. Dando importância a conteúdos que buscam traçar elementos para pensar: o que é história da educação? Seus campos de diálogos; Objetos e fontes; e as produções e pesquisas: Grupo de História da Educação no Nordeste Oitocentista (GHENO), Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil/PB (Histed/PB), Grupo de Pesquisa Ciência, Educação e Sociedade (GPCES), PPGH, PPGE. No que concerne a metodologia, o caminho a ser trilhado ao longo do curso seguirá encontros virtuais de 2 horas por turno de atividade (manhã e tarde), podendo ser dia 7 ou 8 de julho de 2022. A ideia é utilizar o espaço para apresentação de slides, exposição dos conteúdos, indicação de leituras e estimulação de debate acerca do fazer histórico. Para tanto, daremos destaque às produções, organização de banco de dados e execução dos trabalhos de alguns dos grupos de pesquisa da UFPB na Paraíba, a saber: GHENO; GPCES; Histed/PB. Para tanto utilizaremos uma bibliografia básica, a saber: BARBOSA, Socorro de Fátima P. Velhos Objetos, novas abordagens: O jornal como fonte para História Cultural. In: CURY, Cláudia Engler, MARIANO, Serioja Cordeiro (Org.). Múltiplas visões: cultura histórica no oitocentos. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009; CURY, Cláudia Engler. Desafios da pesquisa com cultura escolar na documentação da Parahyba Oitocentista. In: VIDAL, Diana Gonçalves; SCHWARTZ, Cleonara Maria (org). História das Culturas Escolares no Brasil. Vitória: EDUFES, 2010, p. 37- 58; BARROS, Surya Aaronovich Pombo de. (Org.). O Estado da arte da pesquisa em história da educação da população negra no Brasil [recurso eletrônico]. In: CURY, Cláudia Engler; ANANIAS, Mauricéia; PINHEIRO, Antonio Carlos F. Coleção Documentos da Educação Brasileira. Vitória, ES: SBHE/Virtual Livros, 2015; CURY, Cláudia Engler. Instituições e história das práticas educativas: a instrução secundária na Parahyba do Oitocentos, historiografia e fontes documentais. In: SIMÕES, Regina Helena; GONGRA, José Gonçalves (org). Invenções, tradições e escritas da história da educação. Vitória: EDUFES, 2012, p.235-262; CAMARGO, Kátia Aily Franco de. A revista como fonte de pesquisa. In: BARBOSA, Socorro de Fátima</p>
--	--	--



			P. Barbosa (org). Livros e periódicos nos séculos XVIII e XIX. João Pessoa: Editora UFPB, 2014, p. 149-179; PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira; CURY, Cláudia Engler (org). Conjunto de Leis e Regulamentos da Instrução da Paraíba Imperial. Brasília, DF: MEC/INEP, SBHE, 2004. (Coleção Documentos da Educação Brasileira). CD-ROM. O minicurso segue vinculado ao Eixo 8 – Teoria da História e historiografia da Educação.	
<b>Número</b>	<b>Data</b>	<b>Horários</b>	<b>Título</b> (Des)Arquivar: Diários, Cadernos, Cartas e Agendas na Pesquisa em História da Educação	
11	08/07	10:00- 12:00 14:00-16:00	<b>Coordenador</b> Doris Almeida (UFRGS)	<b>Coautores</b> Maria Teresa Santos Cunha (UDESC) Maria Celi Chaves Vasconcelos (UERJ)
			<b>Resumo</b> O minicurso tem por objetivo sensibilizar para os significados dos documentos de intimidade, como traços do passado que resistiram ao presente e discutir seus usos na pesquisa em História da Educação, considerando possibilidades e limites. Busca-se inscrevê-los nos postulados da História do Tempo Presente, destacando-se os entrelaçamentos temporais que se interpõem na pesquisa com esses documentos. Para tanto, o conteúdo trabalhado serão os documentos da intimidade na perspectiva da categoria de “Desarquivar”, concepção de Maria Teresa Santos Cunha (2019), em diálogo com Richard Cox (2017), Heloísa Bellotto (2014), Arlette Farge (2009), Durval Albuquerque Junior (2019) e Paul Ricoeur (2014). A metodologia insere-se nos procedimentos de análise dos arquivos pessoais e ego-documentos, especialmente cartas, diários, cadernos, bilhetes, agendas, tratados como artefatos singulares da cultura escrita, testemunhos de práticas culturais, portanto, potentes para pensar em múltiplas possibilidades investigativas no escopo da História da Educação. Entende-se que esses papéis contemplam tramas narrativas que envolvem suas condições de produção e conteúdo discursivo, tendo em vista os percursos e as experiências vivenciadas por aqueles que os guardaram, em meio a suas redes de sociabilidade. Buscar suas formas de guardar e de preservação, levantando sua trajetória desde a produção ao esquecimento, da conservação ao	

			<p>seu desarquivamento, é como assinala Cunha (2019) operar uma mudança epistemológica na ascensão da dimensão memorial, combatendo o esquecimento pelas práticas preservacionistas. Na perspectiva da história das sensibilidades, outra dimensão que o minicurso pretende evocar são as implicações afetivas da salvaguarda desses materiais. Afinal, por que se guarda e, ao mesmo tempo, por que se descartam tantos papéis de nossa existência? Neste sentido, importa problematizar a desnaturalização dos gestos de guardar e de doar os documentos privados para arquivos institucionais. A concepção que conclui esse minicurso é que preservar tem o sentido societário que constitui uma fórmula viável para institucionalizar os acervos, demonstrando preocupação com a memória e com o patrimônio cultural histórico educativo. Publicizá-los como patrimônio do passado no tempo presente é uma boa estratégia para fomentar outras práticas preservacionistas.</p> <p>REFERÊNCIAS: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. O Tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da história). São Paulo: Intermeios, 2019. ALMEIDA, Dóris Bittencourt. Percursos de um Arq-Vivo: entre arquivos e experiências na pesquisa em História da Educação. Porto Alegre/RS. Editora Letra 1, 2021. Disponível em <a href="http://www.arquivospessoais.com">www.arquivospessoais.com</a>. BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivo. Estudo e reflexões. 1ª edição. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014. COX, Richard. Arquivos Pessoais um Novo Campo Profissional: Leituras, Reflexões e Reconsiderações. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2017. CUNHA, Maria Teresa Santos. (DES)ARQUIVAR: Arquivos pessoais e ego-documentos no tempo presente. São Paulo; Florianópolis: Rafael Coppetti Editor. 2019. Disponível em <a href="http://www.arquivospessoais.com">www.arquivospessoais.com</a>. FARGE, Arlette. O sabor do arquivo. São Paulo: EDUSP, 2009. RICOEUR, Paul. O si-mesmo como outro. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014. VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. Escritas femininas na casa oitocentista: memórias sobre o diário da Viscondessa de Arcozelo. História da Educação, v. 24, p. 1-31, 2020. Disponível em: <a href="https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/97649/pdf">https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/97649/pdf</a></p>	
<b>Número</b>	<b>Data</b>	<b>Horários</b>	<b>Título</b> Contribuição para uma possível História das Ciências e do seu Ensino	
			<b>Coordenador</b>	<b>Coautores</b>

12	08/07	10:00- 12:00 14:00-16:00	Kazumi Munakata (PUC-SP)	Wiara Rosa Rios Alcântara (UNIFESP)
			<p><b>Resumo</b></p> <p>Este curso tem como objetivo discutir as formulações atuais da história das ciências e do ensino das ciências. Especial ênfase será conferido à produção, circulação e apropriação de instrumentos e objetos científicos, que fazem a mediação da prática científica. O curso se divide em seguintes tópicos:1. Crítica da história “tradicional” da (e não das) Ciência;2. Novas formulações, questões e problematizações da história das ciências e sua relação com o ensino das ciências; 3. A incorporação, na análise, dos objetos científicos em circulação transnacional;4. Apresentação de vertentes atuais da produção historiográfica sobre o tema. O curso será ministrado em modo remoto, com aulas expositivas e discussões, totalizando quatro horas, divididas em dois módulos de duas horas cada. Bibliografia básica: Belhoste, B. (2011). Das ciências instituídas às ciências ensinadas, ou como levar em conta a atividade didática na história das ciências. Revista Brasileira de História da Educação, v. 11, n. 3 (27), 47-61. Daston, L. (2017). Historicidade e objetividade. São Paulo. LiberArs. Jacob, C. (dir.). (2007). Les lieux de savoir. Espaces e communautés. Paris: Albin Michel. Kahn, P. (2014). Lições de coisas e ensino das ciências na França no fim do século 19: contribuição a uma história da cultura. Revista História da Educação, v. 18, n. 43, 183-201. Pestre, D. (1996). Por uma nova história das ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens. Cadernos IG/Unicamp, v. 6, n. 1, 3-56. Pestre, D. (2006). Introduction aux Science Studies. Paris: La Découverte. Alcântara, W. (2018). Cultura material e história do ensino de ciências em São Paulo: uma perspectiva econômico administrativa. Rivista di storia dell'educazione, 1/2018, 343-361. Acessado em <a href="https://rivistadistoriadelleducazione.it/index.php/rse/issue/view/550/72">https://rivistadistoriadelleducazione.it/index.php/rse/issue/view/550/72</a>. Braghini, K. Z. (2017). As aulas de demonstração científica e o ensino da observação. Revista Brasileira de História da Educação, v. 17, 227-254. Egginger, J.-G. (2018). Matérialité de l'enseignement des sciences naturelles à l'école de la “chose” en classe à un objet de collection muséale, XIXe-XXe siècle. In Figeac-Monthus, M. (dir.). Éducation et culture matérielle en France et en Europe du XVIe siècle à nos jours (p. 294-312). Paris: Honoré Champion. ELLIS, H. (2017). Editorial: science, technologies and material culture in the history of education. History of Education, 46:2, 143-146. López-Ocón, L.;</p>	

			<p>Aragón, S.; Pedrazuela, M. (eds.) (2012). Aulas com memoria. Ciencia, educación y patrimonio en los Institutos históricos de Madrid (1837-1936), Madrid, CEIMES y Comunidad de Madrid. López, J. D. (coord.). (2012). Las ciencias en la escuela. El material científico y pedagógico de la Escuela Normal de Murcia. Murcia, Ediciones de la Universidad de Murcia. Meloni, R.; Alcântara, W. (2019) Materiais didático-científicos e a história do ensino de ciências naturais em São Paulo (1880-1901). Educação &amp; Pesquisa. [online]. 2019, vol. 45. Marín, J. P. (2014). El material científico para la enseñanza de la botánica en la región de Murcia (1837-1939) (Tese de Doutorado). Universidad de Murcia. (capítulo 5, tópico 5.1. p. 193-226).</p>	
<b>Número</b>	<b>Data</b>	<b>Horários</b>	<b>Título</b>	
			(Com) Partilhar Perspectivas Teóricas e (Dis) Sabores da Labuta Para Organização/Manutenção de Acervos Escolares: o Caso do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (Cemas)	
13	08/07	10:00- 12:00 14:00-16:00	<b>Coordenador</b>	<b>Coautores</b>
			João Paulo Gama Oliveira (UFS)	Eva Maria Siqueira Alves (UFS) Rosemeire Marcedo Costa (UFS) Simone Paixão Rodrigues (UFS)
			<b>Resumo</b>	
<p>O minicurso proposto é fruto de uma parceria entre o Grupo de Pesquisas Disciplinas Escolares: História, Ensino, Aprendizagem (DEHEA/UFS/CNPq), a Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura (SEDUC/SE), por meio do Centro de Excelência Atheneu Sergipense e do Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES). Situa-se a discussão sobre a salvaguarda dos acervos escolares em meio a um espectro mais amplo das “obsessões com a memória” como bem assinalou Andreas Huyssen (2000). No Brasil, as práticas de preservação, organização e disponibilização dos acervos escolares são recentes e pode-se datar do final do século XX. No caso específico, apresentamos os trabalhos realizados no Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS) criado no ano de 2005. Em atividades, há organizado 233 caixas-arquivo, compreendendo a documentação do</p>				

			<p>período de 1848 a 1970, parte dela digitalizada. São fazeres de um trabalho diário que une docentes do ensino superior e da educação básica, discentes da graduação e da pós-graduação no tripé ensino, pesquisa e extensão colocando em diálogo a universidade com a escola no campo da História da Educação, que pretendemos (com) partilhar com os pares interessados em aventurar-se nos (dis) sabores de organizar e manter um centro de memória escolar. Dessa forma, objetiva-se: discutir acerca da emergência da preocupação com a memória escolar; analisar os arquivos escolares como parte do chamado patrimônio educativo; compreender alguns princípios básicos para a organização de arquivos escolares e apresentar algumas das ações desenvolvidas para a organização e manutenção do CEMAS entre os anos de 2005 e 2021. Para atingir tais finalidades, sugere-se um conjunto de leituras para o debate que ocorrerá em formato virtual de maneira síncrona. O minicurso tem como público-alvo discentes da graduação e pós-graduação, como também demais interessados na temática dos arquivos escolares. Bibliografia Básica: ALVES, E. M. S. A edificação do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense. Rev. Iberoam. Patrim. Histórico-Educativo, Campinas (SP), v. 2, n. 2, p. 37-50, jan./jun. 2016. BELLOTTO, H. L. Arquivos permanentes: tratamento documental. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. BENITO, A. E. A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia. Trad. Heloísa P. Rocha e Vera Lúcia Gaspar da Silva. Campinas: Alínea. 2017. CAMARGO, A. M. de A (coord.). Dicionário de Terminologia Arquivística. São Paulo: AAB-SP, Secretaria de Estado da Cultura, 1996. HUYSEN, A. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. Trad. Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, vol 10, dez 1993, pág. 7-28. MOGARRO, M. J. Arquivos e educação: a construção da memória educativa. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, SP, n.10, 2005. p. 75-99. PAES, M. L. Arquivo: teoria e prática. 3. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2005. SANTANA, S. R. do N. S. Por entre as memórias de uma instituição: o arquivo e as práticas administrativas do Atheneu Sergipense (1870-1926). São Cristóvão: UFS, 2012. (Dissertação de Mestrado). ZAIA, I. B. O lugar do arquivo permanente dentro de um centro de memória escolar. In: RBHE, Campinas, nº 10 jul/dez.2005. p.153-174.</p>

Número	Data	Horários	Título	
14	08/07	10:00- 12:00 14:00-16:00	História da Educação no Tempo Presente: Perspectivas de um Tempo Vivo	
			<b>Coordenador</b> Jane Santos da Silva (UNIRIO)	<b>Coautores</b> -----
			<b>Resumo</b>  Objetivo: Discutir a ideia de História de Tempo Presente e a importância do seu estudo no campo na História da Educação. Conteúdo: 1. Definição e características do conceito de Tempo Presente na História - o período compreendido, metodologias de análise e pesquisa. 2. O papel da História do Tempo Presente para a História da Educação - Entender a História da Educação em movimento e a importância da história oral, memória e as novas fontes ligadas às novas tecnologias. 3. História do Tempo Presente e análise das Políticas Públicas e Instituições Escolares do século XX e XXI - acontecimentos no Brasil, relacionados às instituições públicas e políticas educacionais e o impacto na sociedade/educação. Metodologia Momento 1. Painel expositivo. Momento 2. Análise de Políticas Públicas Nacionais recentes, em diálogo com os cursistas, buscando compreender a relevância do tempo presente para o percurso histórico das instituições e políticas. Bibliografia: HOOKS, Bell. Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017. BUFFA, Ester. Os 30 anos do GT História da Educação: sua contribuição para a constituição do campo. Rev. bras. hist. educ., Maringá-PR, v. 16, n. 4 (43), p. 393-419, out./dez. 2016. CHAUVEAU, A., TÉTARD, Philippe (Org.). Questões para a história do presente. São Paulo: EDUSC, 1999. DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de História. Revista História Hoje, v. 2, no 4, p. 19-34, 2013. DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). História do tempo presente. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2014. FALCON, Francisco José Calazans. História cultural e história da educação. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 32, p.328-339, maio/ago. 2006 FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. Revista Topoi, Rio de Janeiro, dezembro de 2002, pp. 314-332. FERREIRA, Marieta de Moraes. Notas iniciais sobre a história do tempo	

			<p>presente e a historiografia no Brasil. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 80 - 108, jan./mar. 2018. GIROUX, H. A. Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. ROSSATO, Luciana; CUNHA, Maria Teresa Santos. Vetores para uma escolha: História do Tempo Presente e as pesquisas discentes no PPGH/UDESC. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 162 - 185. jan./abr. 2017. SILVA, J. S.. Relações de força e políticas educacionais no Brasil: a Caixa de Pandora brasileira.1. ed. Rio de Janeiro: Gramma, 2016.</p>	
<b>Número</b>	<b>Data</b>	<b>Horários</b>	<b>Título</b>	
			Implantação de Centros de Memória Escolares: a Experiência do Instituto Federal de São Paulo	
15	08/07	10:00- 12:00 14:00-16:00	<b>Coordenador</b>	<b>Coautores</b>
			Fernanda Ferreira Boschini (IFSP-SP)	-----
			<b>Resumo</b>	
<p>O minicurso Implantação de Centros de Memória: A experiência do Instituto Federal de São Paulo, é proposto pelo Núcleo de Pesquisa em História e Memória da Educação Profissional e Tecnológica (NUPHMEPT), grupo de pesquisa do IFSP e pelo Centro de Memória do IFSP “Professor Benedito Ananias da Silva”. O objetivo do curso é demonstrar como se deu na prática a urgente necessidade de preservação e recuperação dos documentos que dão conta da história e da memória de uma instituição escolar de ensino profissional. A função social da escolar é transformar o indivíduo. Esta transformação passa pela trajetória histórica daqueles que frequentaram a escola e estão contidas em diferentes gêneros documentais, relações sociais e espaços físicos, que compõem a história e a memória da instituição educativa na comunidade a qual se insere. O Centro de Memória do IFSP-Prof. Benedito Ananias da Silva (CMBAS-IFSP), iniciou suas atividades em 2016, com a da organização do acervo do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), instituição oriunda da antiga Escola de Aprendizes Artífices de São Paulo (EAA-SP), criada em 1909. Durante toda a sua história, a instituição ofertou Educação Profissional, desde os cursos de ofícios manuais característicos do início do século XX,</p>				

			<p>passando também pelo atendimento à demanda por profissionais técnicos qualificados durante o processo de industrialização do Brasil e pela formação de tecnólogos e bacharéis a partir do final dos anos de 1990. Esta instituição centenária acumulou uma grande massa documental e atualmente busca escrever sua história para se constituir como um lugar de memória e história. Por meio do compartilhamento da experiência vivida na criação do Centro de Memória do IFSP em 2019, e dos aportes teóricos que dão suporte aos seus desdobramentos até então, este minicurso busca promover a criação de um percurso formativo que se inicie com o debate sobre a necessidade de preservação e promoção da memória institucional, seguido pela necessidade de compreensão do processo de gestão documental do arquivo escolar, fontes primárias para a construção da memória da instituição educativa. A coleta de artefatos e documentos impressos que compõe o acervo do CMBAS será abordada de forma que incentive uma conduta de organização dos materiais acumulados em arquivos escolares, perpassando pela identificação, catalogação e conservação destas fontes primárias. A partir da construção do CMBAS e do NUPHMEPT, será abordada a experiência em andamento dos objetos de estudos, do acordo de cooperação técnica entre duas instituições centenárias de ensino de educação profissional na capital paulista, que tem promovido eventos acadêmicos e publicações, contribuindo significativamente para a história da educação profissional e história da educação no Brasil. A metodologia utilizada será expositiva, a partir do compartilhamento de relatos de experiência, e complementada com a realização de debates e reflexões críticas sobre o conteúdo do minicurso.</p>	
<b>Número</b>	<b>Data</b>	<b>Horários</b>	<b>Título</b> Foucault, Historiografia e História da Educação	
			<b>Coordenador</b> José Gonçalves Gondra (UERJ)	<b>Coautores</b> -----
			<b>Resumo</b> As postulações de Foucault têm sido objeto de uma ampla difusão em diferentes domínios e espaços. No Brasil e no campo da educação este fenômeno também pode ser observado, notando-	



16	08/07	10:00- 12:00 14:00-16:00	<p>se, neste caso, apropriações muito heterogêneas, recobrando um conjunto impreciso de modos de pensar e produzir conhecimento neste vasto domínio, sendo possível observar que não se trata de uma especificidade do campo educacional, pois algo assemelhado se processa no universo do direito, da medicina e da psicologia, para enumerar alguns. Neste minicurso, a proposta é, no primeiro momento, revisar textos primários de Foucault a respeito da história, visibilizando o inquérito ao qual se associa de modo a delinear as (im)possibilidades de se fazer história e, por derivação, fazer e conhecer o fenômeno da educação sob determinadas convenções e protocolos historiográficos. Neste investimento inicial, procuraremos pensar aproximações, agenciamentos e potencialidades das proposições assumidas por Foucault no debate historiográfico para, na sequência, dar continuidade a uma experimentação a respeito dos usos de algumas postulações foucauldianas. O segundo momento do minicurso será destinado a uma discussão mais pontual sobre o emprego de ferramentas teóricas na pesquisa histórica. Será, em outras palavras, a hora de comentar os usos de Foucault nos laboratórios de escrita da História. Para viabilizar este exercício experimental, tomaremos, como exemplo, pesquisas ainda em curso, visando demonstrar como os estudos de Foucault podem contribuir na construção de problemas de pesquisa e, mais concretamente, no encaminhamento de hipóteses ao longo do desenvolvimento do trabalho. Aqui serão pinçadas algumas noções bastante frequentes no vocabulário foucauldiano com o propósito de apresentar as formas em que elas aparecem e marcam os trabalhos, em termos de potencialidades, limites e desafios. Assim, arqueologia, genealogia, discurso, enunciado, autor e arquivo serão discutidos, nesse segundo momento, menos como conceitos teóricos circunscritos a uma determinada filosofia e mais como ferramentas em operação na construção do trabalho de investigação. Trata-se, portanto, de explorar a caixa de ferramentas de Foucault e avaliar, conjuntamente, suas serventias, inovações e problemas. O minicurso será desenvolvido com base em destaques prévios, comentários gerais e debate com os participantes. Bibliografia básica FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 4ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995._____. Sobre as maneiras de escrever a história. In: Ditos &amp; Escritos II (Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento). Rio de Janeiro: Forense, 2000._____. Nietzsche, a genealogia, a história. In: Ditos &amp; Escritos II. (Arqueologia das Ciências e História dos</p>
----	-------	-----------------------------	---

			Sistemas de Pensamento). Rio de Janeiro: Forense, 2000._____. Retornar à história. In: Ditos & Escritos II. (Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento). Rio de Janeiro: Forense, 2000._____. A propósito daqueles que fazem a história. In: Ditos & Escritos VI (Repensar a política). Rio de Janeiro: Forense, 2010._____. O estilo da história. In: Ditos & Escritos VIII (Segurança, penalidade e prisão). Rio de Janeiro: Forense, 2012.
--	--	--	--